



Janeiro a Junho de 2019

Nº 53 • 3ª SÉRIE

# CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



## NESTE NÚMERO

- CONFERÊNCIA
- TERTÚLIAS ACADÉMICAS
- VOZ DA FILANTRÓPICA
- VISITA LOCAL

- 1º ENCONTRO DE ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM CABO VERDE
- VIAGEM A CABO VERDE
- PASSEIO DA PRIMAVERA

- VIAGEM À SUÍÇA
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO ABERTO
- ESPAÇO OPINIÃO



CIDADE DA PRAIA



SESSÃO SOLENE NA ASSEMBLEIA NACIONAL DE CABO VERDE



## PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE 27º Aniversário da Associação Tomada de Posse dos Órgãos Sociais Eleitos
	OS NOSSOS PASSEIOS Cá Dentro - Fim do Ano <sup>1</sup>
05	Cá Dentro - Passeio da Primavera
07	Lá Fora - Viagem à Suíça
09	Lá Fora - Viagem a Cabo Verde
12	ESPAÇO POESIA
13	ESPAÇO OPINIÃO
15	TERTÚLIAS ACADÉMICAS
17	ESPAÇO ABERTO
18	VISITAS LOCAIS
18	VOZ FILANTRÓPICA
19	CONFERÊNCIAS
23	NOTÍCIAS BREVES
23	IN MEMORIAM

<sup>(1)</sup> Registado, excepcionalmente, no Capa e Batina anterior (Nº 52), com o intuito de enquadrar a imagem da Família do Manuel Figueiredo Ferreira no ano em que nos deixou (15 de Outubro de 2018).

NOTA: Por falha na composição gráfica alguns exemplares do Capa e Batina nº 52, saíram incompletos;  
Há lugar a substituição, basta ser requerida.

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

# ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA PRIMEIRO ENCONTRO INTERNACIONAL NA CIDADE DA PRAIA, CABO VERDE



Por Joaquim Ramos de Carvalho  
*Ex. Vice-Reitor da Universidade de Coimbra  
até 1 de Março de 2019*

Nos dias 11 e 12 de janeiro realizou-se o primeiro Encontro Internacional de Antigos Estudantes de Coimbra, na cidade da Praia em Cabo Verde.

A ideia de fazer um encontro de antigos estudantes de Coimbra fora de Portugal é antiga. A motivação é evidente: a Universidade de Coimbra sempre foi uma universidade global, onde estudantes das mais variadas proveniências criaram ligações de amizade que preservam como um dos bens mais precisos da sua experiência humana.

Graças ao empenho da Associação de Estudantes de Coimbra em Cabo Verde, o entusiasmo das várias associações de estudantes portuguesas e o indispensável apoio logístico da Universidade de Cabo Verde, essa ideia foi concretizada com grande sucesso, pela primeira vez, na cidade da Praia.

A mística de Coimbra resulta de concentrar uma grande diversidade humana num espaço único, hoje declarado Património Universal, durante um período de vida marcado pela vontade de conhecer e crescer pessoalmente. Nesse plano Coimbra não tem igual nos países de língua portuguesa e não há muitos exemplos do mesmo nível para outras áreas do mundo.

O Encontro, como todas as iniciativas enquadradas pelo plano estratégico da UC, tinha associada uma lista de objetivos e critérios de sucesso, mas não creio que esse seja o plano relevante de recordar. Não é imaginável que o apoio a atividades de antigos estudantes não seja uma prioridade continuada da UC, ou de qualquer universidade, em especial na sua dimensão internacional, que é fundamental nos tempos de hoje. Assim este tipo de iniciativas sempre estará nos planos estratégicos, junto com métricas e expectativas de sucesso, mais ou menos ambiciosas.

Espero que nas edições futuras do Encontro a Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa repita o empenho e entusiasmo com que aderiu a esta edição, estando presente com uma forte delegação e contribuindo significativamente para os diferentes momentos sociais e ações de beneficência.

Tive o privilégio de estar presente no encontro e certamente que o que retenho, passados seis meses, não é a relevância estratégica e a lista dos objetivos conseguidos, que incluíram, para além de uma fantástica programação social, importantes contactos governamentais, promoção da UC, ações de beneficência, uma exposição e frutíferas reuniões académicas. É grato poder reviver esses momentos nas muitas fotografias e vídeos que a UC preserva em [www.uc.pt/alumni](http://www.uc.pt/alumni).

O que me ficou, que perdurará em mim e, seguramente, em todos os presentes, foi a intensidade das emoções que se viveram naqueles dois dias, a força dos laços criados, a alegria da descoberta e dos reencontros, a profusão de ideias e planos futuros que espontaneamente brotaram, numa perceção partilhada da projeção imensa da Universidade de Coimbra no mundo através dos seus antigos estudantes.

Como disse Sua Excelência o Presidente da República de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, antigo aluno de Coimbra, no seu brilhante discurso na sessão de encerramento: "Na verdade, foi um encontro entre todos aqueles que conheceram, viveram e interiorizaram, na suas respectivas gerações, um espírito académico único e abrangente, cuja reverberação ultrapassa fronteiras, credos, nacionalidades, ideologias, género. "

# 27º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO TOMADA DE POSSE DOS ÓRGÃOS SOCIAIS



De três em três anos, a comemoração da constituição da nossa Associação como entidade autónoma da Associação-Mãe (Coimbra) é duplamente enriquecida na adesão ao evento, no renovar de energias, no apelo à presença e colaboração de todos: Sócios, Amigos e Simpatizantes!

Assim decorreu, no dia 23 de Março, no Sana Metropolitan Hotel, começando com um excelente almoço-buffet a que se seguiram os sempre aplaudidos actuação do "Grupo Coral Ad-Hoc", com um reportório variado e bem executado; a poesia pelas nossas "virtuosas" Catarina e Maria Alice; o irromper buliçoso e contagiante dos "Madre Christo"; e a consagrada Serenata de Coimbra pelos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata ao Luar", em conjugação de talentos e levando todos os presentes a entoar os "Parabéns" perante um bolo monumental!

A par desta celebração, o acto de investidura dos Órgãos Sociais eleitos na Assembleia Geral electiva que tivera lugar no anterior dia 20, a saber:

## ÓRGÃOS SOCIAIS - TRIÉNIO 2019/2021

### Mesa da Assembleia Geral

Presidente – Francisco Chichorro Rodrigues

Vice-Presidente – José Pinheiro Veloso

Secretário – Maria Guerra Prazeres

Secretário – Ricardo Sousa Roque

### Direcção

Presidente – Maria de Fátima Lencastre

Vice-Presidente – Ana Sequeira Varejão

Vice-Presidente – José Manuel Viegas

Tesoureiro – José António Correia

Secretário – Maria Isabel Soares da Costa

Vogal – Maria José da Costa Bernardino

Vogal – Luís Miguel Gaspar Martins

### Conselho Fiscal

Presidente – José Manuel Matos da Costa

Vice-Presidente – Jorge Fernandes Nunes

Vogal – Maria Claudina Castel-branco

### Assessorias

Eduíno de Jesus, Luísa Alexandra Gomes de Pinho Gonçalves e António Luís Martins,

enriqueceu o espírito que alimenta toda esta vivência académica ao dar-se início a um 10º mandato.

A presidente da Direcção referiu que dos ali reeleitos o Chichorro Rodrigues e ela própria "arrecaram" os 9 triénios decorridos e a maior parte dos restantes já têm "tarimba" em dosagens variadas, mas proficuas; como caloiros, caloiros – a substituir membros cessantes, a seu pedido – identificou o Ricardo Roque e o José Viegas (já sócios de longa data e também honorários desde 2010), ambos propostos pelos seus pares (jovens) da Direcção. Aliás – salienta – tem sido sua prática não propor ninguém para a Direcção, deixando aos membros mais jovens a responsabilidade da escolha para as vagas que foram ocorrendo, face a uma inevitabilidade incontestável: ao fim de vinte e sete anos de "apostolado", impõe-se uma revitalização da criatividade, uma renovação das iniciativas e seu *modus faciendi* de molde a atrair os antigos estudantes da faixa etária dos eleitos e, esperançadamente, dos ainda mais novos.

Com este mesmo designio de ir preparando a tal inevitável transição, os novos Assessores Luísa Alexandra e António Martins dispõem-se a apoiar o decano Eduíno de Jesus.

Pelo semblante de todos perpassou a consciência solidária e a resposta positiva ao apelo que imperava: contribuir para a sustentabilidade da nossa Associação festejando mais um ano desta sua convivência na perspectiva de maior interacção das diversas gerações ligadas pela *alma mater* que a todas subjaz e todas alimenta.

# CÁ DENTRO

## PASSEIO DA PRIMAVERA

DE 2 A 5 DE ABRIL DE 2019

Por Maria Guerra Prazeres



Mais uma vez o Passeio da Primavera acolheu o dia do Antigo Estudante de Coimbra – Tomada da Bastilha II e a curiosidade em conhecer o novo Reitor, que se veste de roxo, tal como eu e a Quaresma!... Com a guia Florbela da Tryvel e o motorista Fernando Moreira, saímos de autocarro em direcção à Lousã, parando na área de serviço de Leiria, ponto de encontro para a entrada do Daniel e esposa. À chegada à **Lousã** esperava-nos o almoço no restaurante o *Burgo*, junto ao *Castelo da Lousã*, que antigamente se chamava

Castelo de Arouca e a Ermida de Nossa Senhora da Piedade.

Após o almoço seguimos até à *Fraga da Pena*, na paisagem protegida da Serra do Açor para observarmos uma queda de água, com uma altura de 19 m. Também próximo da aldeia do Espinhal, depois de uma boa caminhada, alcançámos a *Cascata da Pedra da Ferida*, com cerca de 32 m de altura.

Continuámos a viagem até **Coimbra**, onde nos alojámos e jantámos no já nosso conhecido *Hotel Dona Inês*.

O dia seguinte trouxe-nos um novo autocarro com algumas melhorias, como rede nas traseiras dos bancos e também um novo motorista, em substituição do inicial que ficou a cuidar do seu autocarro que deitava óleo.

Partimos então para **Arouca**, vila situada no meio de um grande vale, emoldurado e protegido por um arco de colinas. A vila chama a atenção pela sua limpeza e pela ornamentação com flores, em que até a terra que rodeia os troncos das árvores está coberta de lindas flores e não de ervas... Da serra da Freita, integrada no Geo Parque de Arouca desfruta-se uma paisagem magnífica, com povoações, vales e montes. A perícia do motorista, por estrada estreita e sinuosa, ora virando à direita e à esquerda, num perfeito zig-zague, permitiu-nos ver como é belo o vale de Arouca!

Por fim chegámos ao cimo granítico e à aldeia de **Castanheira**, onde assistimos a uma projecção na *Casa das Pedras Parideiras* – Centro de Interpretação. As Pedras Parideiras são um fenómeno geológico raro, um tipo de pedras que brotam de uma rocha-mãe, um bloco nodular granítico. Os nódulos têm os mesmos elementos do granito, com a camada externa composta por biotite (mica preta) e a interna com um núcleo de quartzo e feldspato. Por oscilações térmicas ou processos de erosão, ora contraíndo ora dilatando, os nódulos vão saindo da rocha-mãe, espalhando-se à sua volta. Onde sai um nódulo, nunca mais sai outro, o fenómeno é irrepitível. Depois do almoço no restaurante *Casa dos Bifes Silva*, em Alvarenga, visitámos o *Mosteiro de Arouca* cuja história relevante começou com a entrada na vida religiosa da Infanta de Portugal D.

Mafalda, filha de D. Sancho I e rainha efémera da Castela. Reconstruiu e ampliou o Mosteiro, mas a arquitectura que hoje vemos é em parte do séc XVII e a maior parte do séc XVIII.

A cozinha e o refeitório que lhe está ligado, são de grandes dimensões. A sala do Capítulo, onde as monjas eram chamadas para as reuniões apresenta azulejos do séc XVII com paisagens holandesas e outras relativas à caça. No chão vêem-se túmulos numerados destinados apenas às abadessas, já que as monjas eram sepultadas noutra local e em túmulos não numerados. As monjas (104) levavam enxovais riquíssimos (visto em painel) e algumas ofereciam altares. As suas celas eram enormes, levavam duas aias, por isso havia 312 celas.

As ordens religiosas foram extintas em 1834 e o Mosteiro encerrou em 1886, após a morte da última monja. Com a Ordem de S. Bernardo Claraval (Cister) passou a haver conventos ou mosteiros só para mulheres. As monjas faziam 7 orações e assistiam à Missa, usando um cadeiral de madeira do Brasil (jacarandá), com 104 carrancas ou misericórdias, o que lhes permitia estar sentadas, mas parecendo que estavam de pé. Pudemos apreciar muitas pinturas, tapeçarias e relicários, sendo um do séc XVIII, da Santa Mafalda. Também num dos corredores encontrámos esquifes só para padres e outro para as freiras.

De realçar uma escultura jacente da rainha D. Mafalda. Esta foi casada com o adolescente rei D. Henrique I de Castela, que faleceu ao fim de 3 anos de casados, mas o casamento mantinha-se anulado esperando que o Papa revogasse a anulação por falta de dispensa devido ao parentesco dos cônjuges (primos em 5º grau). Ao regressar a Portugal escolheu este mosteiro entrando em 1220, doando os seus bens e os direitos reais e a jurisdição da vila de Arouca.

Foi beatificada no séc XVIII (27 Junho de 1793), após o primeiro milagre no séc XVII (corpo intacto) e o segundo milagre quando salvou as freiras do fogo.

Seguiu-se a visita à *Cascata das Aguieiras*, grande e imponente, que se precipita sobre o rio Paiva. O jantar regional no *Hotel S. Pedro* em Arouca trouxe animação com o Rancho Folclórico, findo o qual regressámos a Coimbra.

No dia 4 de Abril, dia em que no ano de 1954 o Instituto de Coimbra, situado ao lado da Associação Académica foi "assaltado" pelos estudantes originando a Tomada da Bastilha II e o Dia do Antigo Estudante, saímos do hotel em autocarro para nos reunirmos na Porta Férrea.

As cerimónias e a comemoração começaram com a Missa na Capela de S. Miguel, onde pastas com fitas vermelhas, amarelas, roxas e azuis escuras a engalanavam, mas notaram a ausência das azuis claras e azuis claras e brancas!... Seguiram-se os cumprimentos ao Vice-Reitor, uma vez que o Magnífico Reitor estava ausente no estrangeiro, e a foto da praxe na escadaria.

O almoço de confraternização no *Palácio de S. Marcos* teve "sobremesa dançante" ... O dia culminou com o sarau de gala no Teatro Académico Gil Vicente, com a actuação do Coro Alma de Coimbra, dirigido pelo maestro Augusto Mesquita que procurou dar a conhecer os autores, poetas e intérpretes e também a língua portuguesa, iniciando o sarau com o "Amália". Seguiu-se a Tuna Académica da Universidade de Coimbra e finalmente a Serenata, participada por todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, com cantores dos 25 aos 95 anos. E desta idade se apresentou o representante do Porto, o Napoleão Amorim com a sua maravilhosa voz, que a todos encantou. A representar Lisboa esteve a fantástica voz do Nuno Lages, que também recebeu muitos aplausos. A fechar o FRA do costume e de despedida.

O último dia foi dedicado a **Mafra** – Convento – Igreja – Palácio e Biblioteca. Esta obra monumental foi mandada construir por D. João V em cumprimento da promessa que fizera ao superior dos franciscanos se a rainha lhe dessa descendência, já que passados 3 anos ainda não havia filhos.

À medida que se edificava o convento o entusiasmo de D. João V era tal que de um pequeno convento para 13 frades passou para 300, alterando também o objectivo para que igualmente servisse de palácio real, corte e patriarcado. Com uma área de 40 000m<sup>2</sup>, o 1º piso destinava-se ao convento, enquanto o andar superior e os dois torreões eram ocupados pelo Paço Real. O torreão norte era destinado ao rei e o do sul pertencia à rainha, sendo ligados por uma galeria com 230 m. A visita foi iniciada pelo *convento*, estilo barroco e rococó ao gosto do alemão João Frederico Ludovice. A *basílica*, em planta de cruz latina tem a nave central ladeada por 6 capelas (preparadas com os andores para a semana da Quaresma). De salientar a *enfermaria* com as camas viradas de modo a poderem ouvir e participar na Missa e também com abertura ao centro para o Sr. doutor!...

No piso superior vimos no quarto do rei uma pequena cama de mogno (dormiam sentados com medo a morrer) e a sala da Bênção, local onde assistiam à Missa. Na ala destinada à rainha estão os aposentos de D. Maria II, que o rei D. Manuel II utilizou antes de sair para Inglaterra. Esta ala tem salas que se destinavam à recepção das amigas da rainha, ao convívio geral, música, jogos, caça, aias e também para as camas dos bebés. A visita terminou com a famosa *biblioteca*, quer pela sua invulgar beleza (estilo rococó) quer pelo recheio precioso de 36 000 livros, principalmente do século XVI ao XVIII, além dos manuscritos, sendo de realçar os de composições musicais e os mapas geográficos. Aqui se encontra a segunda edição dos *Lusíadas*, mas Coimbra também é detentora de outra edição. De referir ainda a "Crónica de Nuremberga" (1493) e a primeira Enciclopédia, conhecida como de Diderot e D'Alembert.

Concluída a visita fomos almoçar ao restaurante *Adega do Convento* onde festejámos o aniversário do Arlindo Carvalho, cantando os parabéns e saboreando o bolo.

Regressámos a Lisboa e agora é só esperar pelo próximo passeio!...

# LÁ FORA

## VIAGEM À SUÍÇA DE 27 DE MAIO A 4 DE JUNHO DE 2019

Por Maria Eduarda Silva Costa de Barros Caldeira



No aeroporto às 7.00 horas um pouco ofegantes,  
Lá partimos de avião, alegres e confiantes,  
Para ver a Suíça como nunca se viu  
E jamais alguém a sentiu.  
Por volta das 13, chegámos a **Zurique**,  
Ouvindo ao longe um certo repique.

No Restaurante Johannites almoçámos.  
Seguidamente, pela cidade passámos.  
Problemas de tráfego, pois a neve perdura,  
Sentimos que em Zurique há muita cultura.  
Ao Hotel Montana aportámos,  
No Restaurante Wirtschaft jantámos.

A (28), ida para **Rheinfalls** ver as cataratas,  
Passeio de barco, próximo das cascatas.  
Vibração da água, efeitos imprevisíveis,  
Paisagens maravilhosas e inesquecíveis.  
Atravessámos o Reno com a sua magnitude.  
Admirámos casas típicas, com atitude.

Zurique, no Mundo, é a 4ª cidade mais cara,  
Opinião da guia, que muitas visitara.  
A Suíça está dividida em cantões  
Com diferentes dialetos e diversas opiniões.  
A maioria fala suíço – alemão,  
O francês é a preferida pela nossa emigração.  
Para **Schaffhausen** seguimos radiantes,  
Passámos pela cidade velha com miantes,  
Apreciámos a fortaleza de Munot com a sua imponência,  
As varandas lindíssimas de bela aparência.  
Em **Stein am Rhein**, edifícios medievais,  
Conservando nas fachadas antigos materiais.

**Rathausplatz** com fachadas pintadas,  
Arte autêntica nas casas abastadas.  
Em **Winterthur** chovia intensamente,  
Não saímos do autocarro, o que foi inteligente.  
O seu Castelo hoje é ótimo restaurante.  
Os suíços são práticos, isso é uma constante.

Na 4ª feira subimos de Gôndola até ao **Monte Pilatus**,  
Comemos no Hotel do mesmo nome opíparos pratos.  
De **Alpnachstad** para Lucerna seguimos,  
Em combóio de cremalheira partimos.  
A viagem foi longa, mas valeu a pena,  
Desfrutámos de uma paisagem íngreme, mas serena.

Em **Lucerna**, apreciámos a **Ponte da Capela**,  
A mais antiga da Europa, que é muito bela  
E feita em madeira; a Igreja Jesuíta;  
O Centro de Cultura e Congressos, que palpita;  
Os dois Canais mesmo ali à direita  
São sala de Concertos de acústica perfeita.

Entrámos num grande barco, no Cais,  
Vimos vistas fabulosas, dignas das mais.  
Demos a volta ao Lago dos 4 Cantões,  
Vimos a Igreja Católica dos Jesuítas, uma das excepções.  
Ao longe, os Montes Rigi e Pilatus; na ladeira  
As belas construções, todas em madeira.

Seguimos de autocarro para **Vitznau**,  
Poucos saímos, o tempo estava mau,  
Local famoso pelos banhos de soro de leite,  
Tirei fotos de edifícios que são um deleite.  
Esta zona faz parte da Riviera da Suíça Interior,  
Clima suave, linda vegetação e muita flor.

Último passeio a pé por Zurique, antes de Berna.  
**Bahnhofstrasse**, com boutiques, galerias e cafés,  
Duas horas a pé, para reter esta cidade eterna;  
Prefeitura, a Igreja de S. Pedro e os sopés,  
O rio Limmat, as vielas de **Niederdorf**, tão terna,  
Com vontade, firmeza e fadiga nos pés,  
Lá vimos a **Igreja de Fraumunster**, com janelas de Chagall,  
As torres gémeas da **Ig.de Grossmunster**, antiga Catedral.

Chegámos a **Berna**, da Suíça a Capital,  
Para o "Hotel la Pergola", que fica bem central.  
Tendo à porta e gratuitos elétricos constantes,  
Todos nós, que somos eternos passeantes.

No elétrico "Harsey3" ao centro sempre chegámos  
E todos os locais interessantes visitámos.

Berna, além de capital do Cantão, é também uma Comuna.  
As pessoas são calmas e poucas têm vida noturna.  
Inscrita na Unesco em 1983 como Património Cultural Mundial,  
Graças à sua parte antiga, que é o centro medieval.  
A língua oficial de Berna é o alemão,  
O urso é o animal heráldico do seu braço.

No dia 31, no "Harsey3" ao centro aportámos.  
Muitos Palácios e Fontes visitámos...  
Com 6 km de arcadas cobertas,  
Abriga um grande número de tendas abertas.  
É da Europa a mais longa avenida comercial,  
Já que o seu comprimento é deveras colossal.

Passeámos pelas enormes Galerias,  
Onde provámos algumas iguarias.  
Praça da Estação, **Relógio Astronómico**,  
Onde os autómatas têm um certo ar cómico;  
O Parlamento com 26 repuxos e iguais braços,  
Representando os vinte e seis Cantões.

Dia 1, partida para **Gruyères**, terra do queijo famoso,  
Onde admirámos o seu envelhecimento muito curioso.  
Almoçámos e para **Broc** fomos de seguida.  
Visita à "**Maison Cailler**", com prova merecida.  
Depois de toda essa boa degustação,  
Comprámos chocolates, o que foi uma tentação.

Viajámos para **Fribourg**, cidade medieval,  
Que tem uma bela e imponente Catedral.  
Só uma pequena parte é protestante,  
Há belas Igrejas Católicas, que são um garante.  
Fribourg não cedeu ao Reformismo,  
Pois na Suíça esta cidade é o centro do Catolicismo.

Dia 2, saída, **Solothurn**, a cidade barroca mais bela  
Conhecida pela "Cidade do Embaixador", parece uma aguarela.  
Se aliarmos o charme francês, a racionalidade alemã e a grandeza italiana,  
Obtemos Solothurn, cidade com beleza soberana  
A **Catedral de St. Urs** surge-nos com agrado,  
Sendo o número onze o mais venerado.

Caso único, vê-se aqui grande Amizade  
Entre os Católicos e os Protestantes, é a realidade,  
Ao longe e ao lado da Catedral, que tem no topo a Cruz,  
Vê-se a Igreja Protestante com o galo e nelas bate a luz.  
Convivem irmãmente, o que não é usual.  
A seguir, fomos ver o Museu de Arsenal.

Almoçámos na Brasserie le Fédérale e para **Biel** seguimos,  
A Região do Lago, no sopé do Jura, invadimos.  
Para os três Lagos, a porta de entrada;  
Biel, Neuchâtel e Morat de mão dada.

O "**Lago de Genebra**" foi Rousseau que o comparou  
Dizendo ser "o sonho de um viajante solitário", que por lá passou.

No dia 3 até **Interlaken** rumámos  
E no funicular panorâmico viajámos.  
Subimos a uma plataforma de observação,  
Onde olhámos a "**Ponte dos Dois Lagos**" com atenção.  
A montanha Hander Kulm atingimos  
A vista de Erger, Monch e Jungfran sentimos.

Regresso a Interlaken no funicular  
Mais tarde, numa esplanada, o rio fomos apreciar.  
Ao Restaurante La Perla chegámos,  
Em **Thun**, junto ao Rio Thunusse almoçámos.  
Até ao **Castelo de Thun**, a calçada é elevada  
Escadaria longa e íngreme. Mas que caminhada!...

Continuação para Berna, onde foi o jantar.  
No final, o serão foi rir até chorar.  
A Fátima e a M. Claudina lembraram  
As muitas partidas que pregaram...  
Enquanto estudantes, que nos encantaram.  
Foi uma "tertúlia" e nisso acertaram...

No dia seguinte, com pesar partimos;  
Para a cidade de **Aarau** seguimos.  
Fica nas margens do Rio Aare, é bela  
Com "lindas empenas" e muita viela.  
"Dachhimmel", são os beirias pintados  
Os sinos e as facas são aqui moldadas.

Fomos ao Restaurante Einstein almoçar  
(E nunca mais voltamos àquele lugar)  
Para tomar o avião, para Zurique seguimos  
E daquelas terras nos despedimos.  
Para a M.Claudina um grande elogio  
Tão bem organizou esta viagem e nada omitiu.



# VIAGEM A CABO VERDE

DE 10 A 17 DE JANEIRO DE 2019

Por José Paulo Soares



## Enquadramento da viagem

Por iniciativa da Universidade de Coimbra e da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Cabo Verde, decorreu na cidade da Praia, entre 11 e 12 de Janeiro de 2019, o primeiro Encontro de Antigos Estudantes de Coimbra fora do território nacional. Aproveitando esta oportunidade, a AAECCL organizou uma viagem de uma semana em que, para além da presença no encontro, foram visitadas as ilhas de Santiago, São Vicente e Santo Antão.

## À volta da cidade da Praia

Animados pela expectativa da viagem, o grupo que saiu de Lisboa às 9h25 do dia 10 de Janeiro chegou ao aeroporto de Santiago às 12h20. O calor tropical e árido, acompanhado de acentuada ventania, contrastava com o frio de onde havíamos partido! Não foi fácil a passagem fronteiriça, pois que a lentidão dos serviços estava ao ritmo da calma própria destas latitudes, calma de que viríamos a desfrutar uma vez chegados ao Hotel Oásis Praia Mar, onde almoçamos. O hotel é agradável, com praia utilizável e composto por blocos habitacionais

bem dimensionados e arejados. Um belo espaço circundante, com boa piscina, algumas árvores tropicais e um aprazível terraço sobre o mar compõem este ambiente repousante. Depois do almoço fomos visitar a cidade da Praia onde, no chamado "Plateau", se encontram as repartições públicas e a parte habitacional de origem colonial, o mercado de Sucupira e o Miradouro, de onde se vê toda a baía, bem como alguns antigos canhões que de longe lhe fazem guarda de honra. Daqui partimos para uma visita à fortaleza, muito abandonada, mas com uma bela vista panorâmica sobre a baía e a cidade que outrora defendia. Observam-se alguns edifícios de maior porte, tais como a Universidade e outros em construção (um casino!), financiados pelos chineses, que em Cabo Verde estão a investir em força. Tomadas que estavam as primeiras impressões sobre a capital de Cabo Verde, fomos a caminho da Cidade Velha. Trata-se de uma pequena e pitoresca povoação, a primeira construída pelos portugueses em Cabo Verde, Património Mundial da Unesco desde 2009. Defendida pelo Real Forte de São Filipe – estrutura militar

filipina que também visitámos – nela se instituiu a primeira Capitania, servindo apenas como ponto de passagem de escravos africanos para o Brasil. Na Rua Banana (que deve o nome à sua forma encurvada), ainda hoje podemos encontrar profissões desde o alfaiate ao barbeiro, em casas cobertas com telhados de colmo ou folhas de palmeira. Regressámos ao hotel e, depois de jantar, alguns companheiros foram ao "Plateau" onde ouviram a música tradicional cabo-verdiana, sobretudo mornas e coladeiras.

## Pela Ilha de Santiago

No dia seguinte, destinado a visitar a ilha, saímos de manhã cedo em direcção ao Norte. O nosso guia, "Salazar", cujo nome provocou de imediato algum alvoroço, acentuado quando acrescentou "Salvador", isto é, "SS" – logo no dia em que íamos visitar o Tarrafal! – era bastante simpático e culto e um bom intérprete da música cabo-verdiana. Referiu-nos que aos habitantes de Santiago chamam de "badiú" e aos das outras ilhas de "ladulhos". A paisagem é um "belo terrífico", já que a natureza é pródiga nestes contrastes! Aos altos picos, por vezes abruptos, com aspectos caprichosos e intrigantes desenhos, seguem-se vales profundos, áridos e tristes, que a erosão se encarregou de desenhar! É o rasto da fúria da Natureza, na sua mais bela e medonha realidade, de milhões de anos passados! Encontrem entre vós um poeta para a descrever, que eu sou impotente perante tamanha grandeza! E enquanto vamos andado pelas estradas que são, de uma maneira geral boas, vimos o esforço que está sendo feito para aumentar a flora com uma espécie de acácia que se adapta melhor ao terreno arenoso e vulcânico, bem como ao vento persistente. E ao seguir caminho, vamos encontrando o esqueleto de casas em construção a que a diáspora cabo-verdiana vai dando corpo,

à medida que as suas parcas economias o permitem. Aliás, o cenário de casas inacabadas, cinzentas e tristes, com os adobes à vista, é uma característica de toda a ilha, seja no campo seja nas cidades. Parámos em S. Domingos, onde visitámos o Centro de Artesanato e o Jardim Botânico. Em São Jorge dos Órgãos apreciamos a orografia do terreno, uma miniatura do Grande Canion e, um pouco mais adiante, passámos pela região de São Salvador do Mundo, com a sua enorme cratera vulcânica. Seguiu-se a cidade de Assomada (terra natal de Amílcar Cabral), onde parámos para apreciar a feira e comércio locais. E daqui rumámos até à Prisão do Tarrafal, nome de origem árabe – Al-Taraf – que, mudando o artigo Al de posição, deu Tarrafal e que hoje é conhecida como Museu da Resistência. O interior da prisão era composto essencialmente por dois grandes pavilhões, onde os reclusos “viviam” em condições terríveis, não só de precariedades de toda a ordem, como de má alimentação e assistência. Uma lápide no exterior menciona o nome de 36 mortos, dos muitos prisioneiros que por lá passaram. Foi fundada em 1936 e encerrada em 1956, tendo os prisioneiros sido transferidos para a Colónia Prisional do Bié, em Angola. Algo deprimidos e já com os estômagos a gritar por “qualquer coisa”, dirigimo-nos à vila do Tarrafal onde, no restaurante Baía Verde, sobre a praia, fomos servidos com uma grelhada mista de peixe bem saborosa. É à altura de registar que, por todo o Cabo Verde, a comida é essencialmente peixe, frango, cachupa (uma espécie de feijoada), porco (pouco) e, por vezes, cabra e vaca. A fruta é constituída pela produção local de papaia, banana, uvas, abacaxi e maçãs. A terra é pobre, dando, nos locais mais húmidos, hortaliças, milho, cana de açúcar, feijão, palmeiras e pouco mais. Já novamente com o moral em cima, deixámos o Tarrafal e seguimos de volta à Praia, agora pelo litoral oriental. Em relação ao percurso da manhã, a diferença na paisagem é manifesta! O vento, em certas épocas, é de tal modo forte e portador de areia vinda do deserto do Saara, que impede mesmo a aterragem de aviões, não só pela falta de visibilidade, como pelo perigo de avaria nos motores. Devido ao vento,

existem algumas pequenas praias de areia branca depositada ao longo dos anos; e as árvores, maioritariamente acácias, encontram-se muito inclinadas. Contudo, há mais humidade, começa a ver-se mais verdura e a existência de alguns poços de água salobra permitem que surjam oásis com algumas culturas como cana de açúcar, papaia e banana. Há mesmo, perto da Calheta de São Miguel, onde parámos, alguns “moinhos” de cana de açúcar que permitem a produção de aguardente de cana, a que aqui chamam “grogue”. Continuando por Pedra Badejo, parámos ainda no Vale das Palmeiras de Santa Cruz. Entretanto, a estrada de empedrado passou a ser de asfalto, o que tornou o final da viagem de regresso à Praia muito mais cómoda. Chegados ao hotel, foi o reconfortante banho e a ida para o restaurante onde se realizou o jantar de convívio e beneficência promovido pela Universidade de Coimbra, com leilão de vários donativos a favor dos estudantes cabo-verdianos em Coimbra.

### O Encontro na cidade da Praia

No terceiro dia da viagem o programa era livre, a fim de permitir a participação nos trabalhos do Encontro de Antigos Estudantes de Coimbra. Os trabalhos decorreram, de manhã, na Universidade de Cabo Verde – que a Universidade de Coimbra vem apoiando já desde há bastantes anos – e, ao final da tarde, na Assembleia Nacional. Na sessão solene que teve lugar na Assembleia Nacional, encerrada pelo antigo estudante de Coimbra e actual Presidente da República de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, foram homenageados Agostinho Almeida Santos, António Luzio Vaz, Jorge Veiga e Rui de Alarcão. À noite, no recinto junto à piscina do Hotel Oásis Praia Mar, foi servido um Jantar com música ao vivo, findo o qual houve uma noite de fados e guitarradas de Coimbra pelo Grupo de Fados da A.A.C., e música cabo-verdiana por um grupo local. Foi uma noite agradável onde, na verdade, houve um espírito académico e se lembraram tempos idos, nunca esquecidos! Terminou com o indispensável F-R-A académico... gritado noutra estilo! Os tempos mudam!

### Mindelo

No dia seguinte, logo após o pequeno almoço, deslocámo-nos para o aeroporto com destino à Ilha de S. Vicente. A viagem, num avião da Binter, decorreu sem qualquer incidente e, menos de uma hora depois, aterrávamos no Aeroporto Cesária Évora, nome que imortaliza a cantora descalça, que nasceu nesta Ilha. Dirigimo-nos dali para o Hotel Porto Grande na cidade do Mindelo, tendo como guia Edson Oliveira, conhecido na ilha como cantor de música cabo-verdiana. A cidade é a mais cosmopolita do país, a culturalmente mais fecunda e a que possui mais centros de diversão. É a capital da morna, do funaná e da coladeira, que se ouvem em diversos restaurantes e outros locais públicos. Possui um museu interessante no Palácio do Povo – antigo palácio do Governador – uma parte ocupada com espólio artístico de Cesária Évora e outra com uma fabulosa coleção particular de arte africana. Tem diversos locais com lojas de comércio tradicional e artesanal. Um pouco abaixo do pequeno jardim onde se encontra a Igreja, há um largo com um recinto próprio para danças e cantares tradicionais, que animam as tardes do Mindelo. Toda esta parte é de traça colonial, tendo sido conservadas as casas e edifícios públicos, que foram aproveitados para diversos serviços. É uma cidade limpa, de gente acolhedora, simples e que parece ter grande simpatia pelos portugueses. Falam bem o português, mas entre eles falam apenas crioulo – o Krio – que para nós é incompreensível. Depois de jantarmos no hotel, o nosso grupo reuniu-se numa esplanada com música ao vivo, onde acabámos a noite.

### Pela Ilha de São Vicente

No dia 14 demos a volta à Ilha de São Vicente, começando a visita pela subida ao Forte D'El Rei, ainda no Mindelo. A paisagem é magnífica, vendo-se bem o “Monte da Cara”, o Ilhéu dos Pássaros, onde apenas existe um farol, e toda a baía do Porto Grande, com bastantes iates, que tem profundidade suficiente para receber navios de grande tonelagem. Nota-se que a cidade do Mindelo está rodeada de montes com grandes picos e

desfiladeiros, ficando, portanto, dentro de uma enorme cratera. Trata-se de um porto que teve grande importância durante o séc. XIX, quando aí se reabasteciam de carvão inúmeros navios da rota do Atlântico. Foi essa a fonte do seu desenvolvimento, fonte essa que secou. Descendo de novo à cidade, visitámos então o Edifício da Alfândega, agora transformado em museu, centro cultural, de turismo e artesanato. Perto, ergue-se um monumento em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que aqui amararam na primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Seguimos a pé pela Avenida Marginal, passando pelo mercado do peixe, fresquíssimo, com predomínio de diversas variedades do "género thunnus", e retomámos o autocarro para subir até ao Monte Verde, o ponto mais alto da ilha. O caminho para o Monte Verde é, tal como os outros, de paralelo e bastante perigoso, dadas as arribas pedregosas e o trajecto irregular e íngreme. Chegados ao cimo, a vista é maravilhosa! Dali se divisam, para além do Mindelo e montes circundantes, Santa Luzia, Santo Antão, a Baía das Gatas, pequenas praias de areia branca, um mundo a perder de vista! A aridez é dominante, bem como o vento. Mas aqui, a 774 m de altitude, o frio permite que a humidade nocturna seja condensada e recolhida num reservatório. É a luta pela vida! Visitámos, ainda, a Ribeira do Calhau onde foram feitos furos, dos quais se consegue obter água salobra que, depois de bombeada, vai regar os terrenos circundantes. Assim podemos ver mais verdura, cultura de batata doce, palmeiras, papaia, etc., regada gota-a-gota. Depois de almoço fomos visitar a Baía das Gatas, com uma praia de areia branca, onde se faz anualmente um festival de música, na primeira semana de lua-cheia de Agosto. Segundo nos informou o guia, em determinada zona desta praia as tartarugas vêm fazer a sua desova e, por razões desconhecidas, o número de desovas duplicou nos últimos três anos! De regresso ao Mindelo, passámos pela aldeia piscatória Paul de Salamansa e por algumas explorações agrícolas que aproveitam furos de água salobra ou ribeiras profundas – um regresso que decorreu animado, fosse porque a paisagem surpreendentemente tinha



variado, fosse porque o grupo começava a animar com algumas histórias picarescas contadas por quem tinha jeito para tal.

### Por Santo Antão

Nasceu mais um dia e, bem cedinho, dirigimo-nos ao cais de embarque do Mindelo para apanhar o ferry para Santo Antão, aonde chegámos cerca das 9 horas. Após o desembarque em Porto Novo, depara-se-nos a estátua de uma mulher com um filho, homenagem ao emigrante que parte à procura de melhores condições... Na ilha, o sistema em vigor é o patriarcal, mas no chamado Chão da Viúva vigora ainda o matriarcal! Depois de instalados no Hotel Santo Antão Art Resort, à frente do qual existe uma pequena praia de areia preta, partimos de imediato para uma volta à Ilha, cuja paisagem é bem diferente da das ilhas anteriores, já que a partir de determinada

altitude se encontram pinheiros, ciprestes, mimosas, cedros e até eucaliptos! A ilha tem paisagens fabulosas e foram vários os miradouros onde parámos durante algum tempo. Recordo particularmente aquele onde, no fundo de uma cratera vulcânica, se vê um vale todo verde, com a povoação por perto – o Paúl – e se observava um céu nublado, de nuvens densas e baixas, dando a sensação quase de chuva! Demorámos algum tempo apreciando aquele lugar paradisíaco, enquanto por nós passavam turistas que tinham optado por visitar a ilha caminhando por entre trilhos marcados. Foi, sem dúvida, a melhor paisagem de toda a viagem. Continuámos o caminho com a boa disposição provocada pelas cantorias brejeiras e pelos episódios anedóticos que o Zé Veloso e outros mais foram desenterrar ao baú das suas recordações

coimbrãs, e já ninguém refilava com aqueles mini-autocarros desconfortáveis que há quase uma semana nos moíam as costas e entorpeciam os joelhos. E foi assim que chegámos a Ponta do Sol, onde, no Restaurante da Praia, apesar do aspecto muito peculiar, nos proporcionaram uma boa refeição. De regresso, passámos por um vale já bastante cultivado, com palmeiras e outras árvores, regadas pela água de furos artificiais, bombeada com recurso a energia eólica. Visitámos a cidade da Ribeira Grande e um local que foi uma judiaria, hoje abandonada. No Paúl, local onde existe a maior concentração da produção de cana e "grogue", vimos os engenhos de cana de açúcar, um deles ainda movido a tracção animal; além da cana, cultivam batata doce, banana, papaia, milho, feijão, manga, palmeiras, etc. Quando chove, há mesmo levadas, cujas águas são armazenadas em pequenas represas. À noite fomos jantar a um pequeno restaurante com música ao vivo, onde estava apenas o nosso grupo. Para grande surpresa nossa, no final do jantar fomos brindados com mornas interpretadas pela cozinheira, uma senhora já com idade para ser avó, que cantava e interpretava como muitas profissionais o não fazem! O típico cabo-verdiano!

### O regresso

A partir daqui cheirava a fim de festa e começámos a "emalar a trouxa". Na manhã seguinte, quem quis passeou por Porto Novo. E depois de almoço foi apanhar o ferry para São Vicente e fazer uma viagem com o mar um pouco mais picado, mas animada com a vista de muitos golfinhos e peixes voadores. Após a chegada fomos para o hotel Porto Grande, onde tivemos o último jantar em Cabo Verde. Na manhã do dia 17 ainda se fizeram as últimas compras no Mindelo e houve quem fosse visitar algo que lhe tivesse escapado anteriormente. Mas a TAP tinha o voo marcado para as 13h40 e já não poderíamos ficar mais tempo. O programa chegara ao fim, fora bem aproveitado e, pese embora alguns de nós termos sido acometidos por algumas maleitas, foi com plena satisfação que todos regressámos a Lisboa.

# OS NOSSOS POETAS

## “ENCONTRO”

Repara em teu redor... A Mocidade  
 Que vês em cada ruga em cada olhar,  
 É o Eterno Milage da Saudade  
 De Coimbra em nossos peitos a cantar.  
 É cada Capa Negra a esvoaçar  
 Pelos jardins e ruas da cidade...  
 É o Penedo em noites de Luar,  
 Profundo e belo como a Eternidade...  
 É na Sé Velha o som da Serenata,  
 A ressoar ainda em nossas Almas,  
 Naquelas noites cálidas e calmas  
 Em que o Sonho é d'Amor e o Céu de Prata...  
 É ainda o Mondego e o Choupal  
 Mais o Penedo da Meditação...  
 E finalmente o Amor feito Ideal  
 'scupido no Altar da Tradição”.

Ângelo Vieira Araújo

## “O MEU ÚLTIMO FADO”

Minha Coimbra, meus Amores...  
 Amor's meus, minha Saudade...  
 Saudade dos meus Amores,  
 Ai Coimbra... quanta Saudade!...  
 Minha Coimbra... A Mocidade  
 Que em ti vivi a Sonhar  
 Levo-a para a Eternidade...,  
 Vou pôr o Céu a cantar...”

Ângelo Vieira Araújo



*Minha Mãe porque não dás  
 Sinal que seja de ti  
 Ao menos diz-me onde estás  
 Que não te vejo daqui.*

*Sei que estás em toda a parte  
 Mas ao certo não sei onde  
 E à minha voz a chamar-te  
 Só o silêncio responde.*

**Poema musicado e cantado  
 por Alcindo Augusto Costa**

# 1 – SOBRE ALCINDO AUGUSTO COSTA

## – 1º TRIBUTO PÓSTUMO

O Alcindo Costa nasceu em Castelo Branco, concelho de Mogadouro, a 10 de fevereiro de 1929, de onde partiu para estudar, finda a quarta classe, levando consigo, para sempre, as saudades da sua aldeia, das vistas largas do planalto onde as águias cruzam o Douro, dos passeios pelos campos, de subir às árvores para colher frutos e dos muitos amigos. Sempre teve um enorme orgulho em ser transmontano e nos seus pais que, nascidos no século XIX, enviaram os três filhos para Coimbra, dando enorme importância aos estudos universitários. O Alcindo facilitou-lhes a vida, pois sempre foi um estudante aplicado, desde os tempos em que era aluno do liceu D. João III. Só não gostava das aulas de violino que tinha em criança, parece que o professor era severo, à moda antiga. Encontrou depois a alegria nas serenatas às raparigas, na Tuna, e no Orfeon, com o qual participou em espetáculos inesquecíveis em África. E a musicalidade fez sempre parte dele. Assim como Coimbra e os seus encantos. Com 23 anos terminou o curso de Direito na Universidade de Coimbra e no ano seguinte ficou habilitado com o Curso Complementar de Ciências Jurídicas, correspondente ao atual Mestrado. Ingressando na Magistratura Judicial tomou posse em 1952 do cargo de Delegado do Procurador da República. Nas férias, na Praia de Espinho, conheceu aquela que viria a ser a mãe das suas filhas. Em 1960, prestou provas no concurso para Juiz de Direito tendo obtido a classificação de Muito Bom. Nomeado Juiz da Comarca da Ilha das Flores sendo, então, o Juiz de Direito mais novo do país, passando depois a exercer sucessivamente em comissão de serviço os cargos de

Ajudante do Procurador da República, no Círculo Judicial de Faro, 2.º Juízo Criminal do Porto, Círculo Judicial de Braga e Tribunal da Relação do Porto. No decurso da sua carreira de Magistrado obteve diversas vezes a classificação de Muito Bom e foi mesmo promovido a Juiz de Direito da 1.ª classe, por mérito, em 1970, classificado que tinha sido, extraordinariamente, com um só outro colega. Foi fazendo amigos por onde passava. Por fim veio a ser colocado em Lisboa. Em janeiro de 1969, foi nomeado Ajudante do Procurador da República, passando a exercer as funções de Auditor Jurídico do Ministério das Finanças, até setembro de 1974, data a partir da qual, por injustificadas razões de natureza política, foi suspenso do exercício dessas funções, à semelhança do que sucedeu a tantos nesse período conturbado. Foi depois nomeado Conservador do Registo Civil e Notário de Arronches, funções que exerceu de novembro de 1975 a julho de 1976, data em que o seu "saneamento" foi anulado, com efeitos retroativos. Em dezembro de 1976, foi colocado a seu pedido na situação de licença ilimitada, passando a exercer a profissão de advogado, onde fez uso da sua eloquência. Foi sempre um trabalhador incansável, um profissional honesto e íntegro, partilhando os seus talentos com quem necessitava, tantas vezes, pro bono. Era formal, frequentava os ambientes jurídicos solenes, mas relacionava-se igualmente com as pessoas simples. Costumava dizer «o que importa é ser e não parecer». Regressou à magistratura em 1993, como Juiz de Direito do 2.º Juízo da Comarca da Figueira da Foz, funções que exerceu de abril a setembro do mesmo ano, por ter sido entretanto promovido a Juiz

Desembargador e colocado no Tribunal da Relação de Lisboa. Porém, em outubro do mesmo ano, foi convidado para exercer as funções de Juiz Conselheiro auxiliar do Supremo Tribunal Administrativo, sendo depois nomeado Juiz Conselheiro efetivo daquele Supremo Tribunal, funções que exerceu até atingir o limite de idade para a aposentação/jubilização. Publicou vários artigos no Dicionário Jurídico da Administração Pública. Depois de jubilado, continuou ligado ao Direito, tendo inspecionado a atividade de outros juizes e presidido a tribunais arbitrais. Adorava trabalhar, ser útil.

O Alcindo viveu intensamente a música com os grupos de fados e de canção de Coimbra a que pertenceu, como o Grupo Serenata de Coimbra e, nos últimos anos, o Grupo Serenata ao Luar. Animou muitas festas e convívios, com a sua boa disposição, sempre pronto para pegar na guitarra. Cantou até mesmo o fado «Se o Belo é Obra de Deus» à Amália Rodrigues, numa serenata que fizeram em sua homenagem. Cantava com especial emoção o fado da «Elegia Breve», cujos versos são de sua autoria e que dedicou à mãe. Deixou-nos muitos registos da sua bonita voz, sensível e tranquila, nos discos gravados e até em faixas suas que estão no spotify e em vídeos do youtube. Integrou o Corelis - Coro da Relação de Lisboa, atuando em encontros de coros, em igrejas, e em vários pontos do país. Adorava a natureza, tratava das suas plantas, quase com o carinho com que cuidava das pessoas. Sabia o nome das árvores, identificar os pássaros pelo canto e reconhecer as constelações no céu estrelado. Era um homem maravilhado pelo mundo e pelo conhecimento. Aprendeu a trabalhar com computadores

aos 70 anos, criou uma conta no facebook e comunicava com os amigos que tinha pelo mundo fora, das mais variadas idades. Criadas as filhas, intensificou as viagens, sempre com uma inesgotável curiosidade intelectual.

Foi sócio dedicado de várias Associações Culturais e de algumas delas fez parte dos seus órgãos sociais, designadamente do Elos Clube de que foi Presidente Internacional e Presidente da Direção do Elos Clube de Lisboa, em dois mandatos, da Casa de Trás os Montes e Alto Douro, como Presidente da sua Assembleia Geral e da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, de cuja Direção, fez parte vários anos, também como Vice-Presidente.

Quando soube do diagnóstico do Parkinson, terá dito a um amigo que se considerava um homem privilegiado: teve três filhas, voltou a apaixonar-se,

pela Maria Eduarda, perto dos 60 anos, teve quatro netos, e gozou a vida com muita saúde, até aos 85 anos. Cultivava a gratidão. Viveu a doença com o seu sorriso doce, adaptando-se à sua circunstância, com uma força extraordinária. Até nisso foi um modelo para a família que teve o privilégio de o acompanhar de perto.

O fado de Coimbra esteve sempre com o Alcindo. Nos momentos difíceis, tinha na cabeceira o leitor de CD para ouvir fado de Coimbra e uma imagem de Nossa Senhora, sua madrinha de batismo, com quem esteve sempre unido na fé.

A estes dados biográficos e facetas mais peculiares que só a Família pode testemunhar, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa acrescenta, para já modestamente, que foi exemplar o seu desempenho como 1º Vice-Presidente da Direcção desde 1992

até final de 2015, antecedendo-o de uma corajosa "cruzada" para transformar a então Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (sedeada em Coimbra) na instituição autónoma que hoje é (desde 1992); e continuando devoto incondicional da obra que criou e foi ajudando a fortalecer como dirigente e impulsionador da divulgação do Fado e da Canção de Coimbra através da sua participação em grupos "séniores" e, sobretudo, da génese do mais jovem, o "Serenata ao Luar", que hoje e sempre lhe dedica gratidão e saudade.

Deixou-nos no passado dia 8 de fevereiro, quase com 90 anos. Ficam as eternas saudades do nosso amigo, mas o consolo de ter tido uma vida longa e bonita, na qual semeou o bem e a concórdia.

*A Direcção*

## II – RECORDANDO MANUEL FERREIRA

Estávamos nos primórdios dos anos sessenta, a década de todas as utopias. Coimbra era ainda a cidade de Anto, Antero, Eça e de tantos outros vultos que lhe conferiram uma identidade única e inigualável. As vozes de Menano, Bettencourt, Paradela, do Zeca, do Goes e de muitos dos seus cantores continuavam a ecoar no Largo da Sé Velha. Pedro e Inês eram ainda inspiração para os jovens românticos nessa «Coimbra do Mondego e dos amores que eu lá tive». Foi nesta Coimbra que eu conheci o Manuel Ferreira. Habitávamos a mesma «República» onde, como em todas as outras, plantávamos os nossos sonhos na esperança de um mundo melhor. O Manel, como todos o tratávamos, excepto, claro, os caloiros da casa, já que o respeitinho é uma coisa bonita, o Manel – dizia eu – era já, então, um jovem ávido de cultura e de saber. Nunca esqueci, por exemplo, que foi através dele-

disse-lho muitas vezes, que me tornei um apaixonado pela obra de Stefan Zweig. Outra faceta do Manel Ferreira era o seu sentido de humor fino e inteligente. Aquele seu gesto tão peculiar de estender o braço direito e apontar doutoralmente com o indicador obrigava-nos a nós, caloiros, a ouvi-lo em sentido e a obedecer-lhe religiosamente, que um caloiro não podia dar-se ao luxo de contrariar um doutor. Outra das facetas do Manel era dar-lhe para cantar o fado de Coimbra. Tal faceta haveria de prolongá-la pela vida fora, sendo que, em quase todos os encontros de antigos estudantes (e não só), o Manel era empurrado, quando não era ele a empurrar-se a si próprio, para exhibir os seus dotes de cantor. Devo dizer, a este respeito, que se a sua orientação profissional tivesse sido outra, com a paixão com que cantava, o Manel teria sido um grande intérprete da canção de Coimbra. Depois...depois foi o sabor

amargo e doce do Adeus a Coimbra. Era o encontro, sempre difícil, com a realidade. A vida obrigou-nos a procurar outros ninhos, outras «Repúblicas». O interruptor apagou a luz do nosso convívio que só acendia em momentos mais espaçados. Manteve, no entanto, sempre acesa a lâmpada da nossa amizade. Poderia dizer muito mais sobre o Manuel Ferreira e os tempos que vivemos nessa Coimbra de sonhos, de quem todos gostaríamos de ser poetas. Se me perguntarem a mim e a todos os que o conheceram ao longo da sua vida quem era o Manel Ferreira, a verdadeira e justa resposta só pode ser uma: um homem bom e generoso. Fica este breve depoimento, seguro de que interpreto o sentimento de muitos amigos e companheiros, permitindo-me destacar o Rui Macedo, o repúlico «Milionário» que o acompanhou sempre e até ao último momento.

*A. Agostinho Homem*



# SOBRE AS ORIGENS DO EPÍTETO BRIOSA

## BRIOSIA-FUTEBOL VERSUS BRIOSA-ACADEMIA

Por Por Zé Veloso

Há alguns anos atrás escrevi no blogue *Penedo@Saudade* (1) «Quando eu era miúdo ia para o estádio gritar A-cadé-mi-ca!!! A-cadé-mi-ca!!!... O epíteto BRIOSA já então existia, mas não era corrente chamar-se por ele. Esta moda de gritar Brioooooooooooooooooosa!!!... dum lado ao outro do campo, num estilo que se espalhou como rastilho de pólvora a claques de outros clubes, surgiu apenas nas últimas décadas do nosso historial futebolístico de mais de um século.»

De facto, ao contrário do que acontece nos dias de hoje, em que o futebol da Académica é tratado em todo o lado por BRIOSA, seja entre os seus fãs, seja na comunicação social, quando eu andava no liceu pela década de 50, o termo BRIOSA nem nos empolgava nem tinha a visibilidade que hoje tem. E o mesmo se passaria nas décadas imediatamente anteriores, a avaliar pelos livros de memórias de antigos estudantes de Coimbra dos anos 20 a 40, onde nunca encontrei a palavra "briosa" e onde a equipa de futebol dos estudantes vem referida como "a Académica". Porém, aquele epíteto já vinha mais de trás, mas teria caído em desuso, como se depreende do que foi escrito em *A Académica* (2) por Eduardo Lourenço, que estudou em Coimbra nos anos 40: «A "Académica" ou como diziam os castiços, a "Briosa", era então o mito da "malta"...».

Até agora falámos apenas da BRIOSA enquanto futebol. Mas os livros de memórias de antigos estudantes trazem-nos outra revelação surpreendente: é que, para além da BRIOSA-Futebol, que se manteve até aos dias de hoje,

a palavra "briosa" aplicou-se também, pelo menos até às primeiras décadas do século xx, à própria Academia de Coimbra. Veja-se o exemplo de Carminé Nobre (3), quando chama aos estudantes em geral «os rapazes da Briosa». E mais eloquente ainda é Maria José Carmona da Mota (4), viúva do grande boémio "Pantaleão", ao descrever a decisão dos finalistas do curso de seu marido, que os terá levado a desfilar, de forma inédita, de cartolas e chapéus de coco no cortejo da Queima de 1932: «Mas alguns não se conformavam, eram ainda estudantes, estes dias também lhes pertenciam. Não tinha m ainda abdicado. A capa e a batina continuava a cobri-los e faziam parte integrante da velha Briosa». Porém, o conceito BRIOSA-Academia, que é anterior ao conceito BRIOSA-Futebol, já não chegaria ao meu tempo.

### Mas porquê BRIOSA?

As origens da BRIOSA remontarão a meados da década de 1880, já perto da implantação da República, numa altura em que a Academia vivia tempos de intensa luta social e política. Os factos estão bem documentados, uma vez mais através de livros de memórias de antigos estudantes – General Norton de Matos (5), António Cabral (6) e Trindade Coelho (7) –, com a vantagem de todos eles serem contemporâneos dos factos e de cobrirem um leque político alargado: Norton de Matos, republicano de ideias socializantes; António Cabral, monárquico muito à direita; Trindade Coelho, apa-

rentando ser menos alinhado. O General Norton de Matos, que no final dos anos 40 disputou as eleições para a Presidência da República contra o candidato de Salazar, faz a sua análise em termos socioeconómicos. Para ele havia em Coimbra dois tipos distintos de estudantes: «o grupo dos ricos, dos bem-nascidos, dos que tinham nomes ilustres», que eram conhecidos por "polainas"; e os outros, a maioria, filhos da classe média, alguns de condição modesta, «com mesadas que raramente excediam os 15 mil reis».

Já António Cabral, um dos líderes dos "polainas", que viria a ser ministro da Monarquia, faz a clivagem entre os dois grupos em termos políticos. Para Cabral, o que havia era um pequeno grupo de «republicueiros, vermelhaços de ideias avançadas, ideólogos e sonhadores, que viam na república a salvação da terra amada, da pátria querida, que eles reputavam em vias de perdição».

Baseando-me nas descrições de Trindade Coelho, que chama "polainudos" aos "polainas", atrevi-me a fazer deles o seguinte retrato (8): «A facção mais aristocrata e conservadora da Academia distingue-se pelos hábitos requintados. Veste-se à futrica depois das aulas, fuma charuto, usa guarda-chuva, calça luvas cor de palha e polainas, e alguns põem monóculo. São os "polainudos" que, no dizer de Trindade Coelho, "fazem da polaina um chique e acho que uma fidalguia". Isolam-se no Café Lusitano, em tertúlias intelectuais que entram pela noite adentro, enquanto os tesos vão mergulhar nas sebentas, que a mesada é fraca e um chumbo custa caro à família.»

Perante este quadro, na versão de Norton de Matos, «Começou a maioria dos estudantes a protestar cada vez com mais intensidade contra o grupo dos "polainudos", e como nos seus reparos, feitos em voz sonora e alta e provocadoramente, falassem muitas vezes no seu brio ofendido e na natural necessidade da existência de uma academia uniforme e nivelada, principiaram os da classe mais afinada a chamar aos mais pobres e mais modestos e menos bem trajados, os briosos e Academia Briosos, ou a Briosos simplesmente, e a rirem-se a bom rir das suas pretensões "niveladoras".»

Quanto a Trindade Coelho, contamos com todos os detalhes o desaguado entre "briosos" e "polainudos" acerca da representação académica no funeral de D. Fernando II (que foi regente após a morte de D. Maria II), desaguado que culminou com a publicação da *Niveleida*, poema épico vendido por um vintém à Porta Férrea, em que António Cabral zurze forte e feio nos "briosos". Este poema, litografado em Dezembro de 1885, de que abaixo transcrevo a III estrofe, poderá ser o primeiro documento em que a palavra "briosos" aparece escrita significando uma parte do conjunto dos estudantes. E quanto à história completa desta saga, que tem detalhes rocambolosos que deixo para os mais curiosos, recomendo a leitura do *Penedo d@ Saudade* (8).

*Estavas, ó briosos, em bom sossego,  
Da sebenta colhendo o doce fruto,  
Naquele estado tolo, bruto e cego,  
Que os RR não deixam durar muito;  
Nesta imunda princesa do Mondego  
Que vai agora d'águas pouco enxuto,  
Ensinado às sopeiras e serventes  
O que tinhas aprendido co'os teus lentos.*

### Da BRIOSA-Academia à BRIOSA-Futebol

Em 1887, dois anos depois destes incidentes, na sequência de uma revisão estatutária da Academia Dramática de Coimbra, é criada a Associação Académica – que tem por primeiro presidente António Luís Gomes, mais tarde ministro da República –, a qual passaria a agregar cada vez mais estudantes, enquanto os "polainudos" se isolariam no Instituto de Coimbra (o "Clube dos Lentos", cujas instalações viriam a ser conquistadas em 1920, na chamada "Tomada da Bastilha"). É de admitir que entre os dirigentes da A.A. estivessem os que se opuseram aos "polainudos". E, naturalmente, a arraia miúda – a **briosos** – teria aderido à A.A. e seria cada vez mais quem liderava a Academia e com ela se confundiria! E o epíteto BRIOSA ter-se-ia, assim, estendido à totalidade da Academia. Esta parte da reconstituição da história parece-me plausível. Falta é perceber como se terá passado da Academia Briosos para a BRIOSA-Futebol, sabendo-se que o futebol começou a ser praticado no Largo de D. Luiz (hoje Praça da República) apenas em 1901 e que só em 1912 começaram os jogos a sério. E, mais um mistério, por que razão só ao futebol se colou o nome BRIOSA e não às restantes modalidades. Para procurar entendê-lo, aqui deixo duas hipóteses, que até podem ser complementares:

**Primeira hipótese:** ao longo das primeiras duas décadas do século XX – numa altura em que as tradições académicas são postas em causa, do uso da capa e batina ao toque da cabra – a equipa de futebol da Académica é o embaixador permanente da Academia de Coimbra junto dos antigos estudantes espalhados pelo país, os quais revêem nela a velha Briosos que recordam dos seus tempos de Coimbra. E embora a equipa lhes apareça com o nome oficial de AAC, o epíteto BRIOSA nunca se perde por força da memória dos antigos estudantes, a maioria de-

les na diáspora, apesar de ir perdendo força dentro dos muros da cidade.

**Segunda hipótese:** se procurarmos quais os desportos praticados pelos estudantes de Coimbra no primeiro quartel do século XX, encontraremos o ténis, a esgrima, a equitação, a ginástica, o tiro, o remo, a natação, o ciclismo, a luta greco-romana, o atletismo, o basquetebol e... o futebol<sup>(9)</sup>. E agora pergunto: – Qual destes desportos é o mais simples e o mais "básico", qual deles se poderia jogar com menos meios, menos iniciação técnica, menos dinheiro, necessitando apenas de uma bola (a dividir por 22) e de um terreno plano, mesmo que fosse um largo no meio da cidade? E qual daqueles desportos seria o mais apropriado para juntar uma equipa de comparsas que através da união fizessem a força e se afirmassem perante os demais? O futebol, claro, o desporto do pé-rapado, dos "briosos" de que falava Norton de Matos! E se não foi a equipa de futebol da Académica a intitular-se a si própria como BRIOSA, até poderiam ter sido os colegas "polainudos", das modalidades mais elitistas, a botar-lhe o nome...

(1) VELOSO, Zé. «Porque é que a Briosos é Briosos? (Parte I)», in *Penedo d@ Saudade*, <http://penedosaudade.blogspot.com/2010/10/por-que-e-que-briosos-e-briosos-parte-i.html>.

(2) AA.VV. *A Académica*. Associação Académica de Coimbra (O.A.F.), Casa da Académica em Lisboa, Edições ASA, s. d.

(3) NOBRE, Carminé. *Coimbra de Capa e Batina*. Atlântida, Lda. Coimbra, 1945.

(4) CARMONA DA MOTA, Maria José de Figueiredo. *Testemunhos*. Edição do autor, 2.ª ed. rev. e aum. Coimbra, 1997.

(5) MATTOS, Norton de. *Memórias e Trabalhos da Minha Vida*. Obras Completas do General Norton de Matos, Vol. I, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2005.

(6) CABRAL, António. *Cinzas do Passado*. Livraria Popular de Francisco Franco. Lisboa, 1929

(7) TRINDADE COELHO. *In illo Tempore. Estudantes, Lentos e Futricas*. Livraria Aillaud, Paris-Lisboa, 1902, disponibilizado pela Google Books.

(8) VELOSO, Zé. «Porque é que a Briosos é Briosos? (Parte II)», in *Penedo d@ Saudade*, <http://penedosaudade.blogspot.com/2010/10/por-que-e-que-briosos-e-briosos-parte-ii.html>.

(9) SOARES, António José. *Saudades de Coimbra*. Almedina, 1985.

# I – TRASLADAÇÃO DE AUGUSTO CAMACHO VIEIRA

## “Augusto, vais descansar no sítio que querias”



«Augusto, vais descansar no sítio que querias». Foi com esta frase que Fátima Lencastre, presidente da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, encerrou, ontem, a sua intervenção na cerimónia de trasladação dos restos mortais de Camacho Vieira para o jazigo número 33 do Cemitério da Conchada, destinado, conforme pode ler-se na placa afixada à entrada, “à imor-

talidade de figuras ilustres da Academia e da cidade de Coimbra”. Camacho Vieira faz, desde ontem, “companhia” a Luiz Goes, que ali descansa desde 30 de Março de 2014. Natural de Godinhela, aldeia do concelho de Miranda do Corvo, Augusto Camacho Vieira formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra, onde se especializou em ortopedia e traumatologia. Compositor e cantor da Canção de Coimbra, cantou na primeira serenata de Coimbra transmitida pela Emissora Nacional, em 1946. As primeiras gravações de Camacho Vieira remontam a 1953 e as últimas a 2004, ano em que foi lançado o trabalho “A. Camacho - Coimbra Encantada”. O antigo médico da selecção portuguesa de futebol faleceu a 13 de Março do ano passado, aos 92 anos, em Lisboa. Após assinalar o “sentimento de perda de um grande amigo, de um João Semana, de um ícone da canção de Coimbra”, Fátima Lencastre destacou o facto de Camacho Vieira ir “fazer companhia ao grande amigo e companheiro Luiz Goes”. (Diário de Coimbra de 19/05/2019)

Assim descreveu o Diário de Coimbra de 19 de Maio de 2019 a trasladação do inesquecível Augusto Camacho Vieira. A satisfação desta sua última vontade deveu-se ao dar de mãos de todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, da Casa da Académica em Lisboa, da Alumni, com o alto patrocínio da Reitoria da Universidade de Coimbra junto da Câmara Municipal de Coimbra, que a autorizou.

Todos os intervenientes se fizeram representar no acto: pela Reitoria, o actual Vice-Reitor Calvão da Silva, que detém o pelouro dos antigos estudantes; e pela Câmara Municipal o seu Presidente, Dr. Manuel Machado, que reiterou a solidariedade incondicional da Cidade com a Academia, em resposta ao repto que Fátima Lencastre lhe lançou no sentido de o jazigo nº33 ser o 1º mas não o último

repositório dessa união. Também o dilecto amigo Polybio Serra e Silva traduziu em verso a despedida, que culminou com a promessa ao Camacho de todos transmitirem às gerações futuras o sentimento que despertou ao longo das passadas e presentes. No final, o grupo “Porta Férrea” da Ass. Ant. Est. Coimbra em Lisboa ofereceu um singelo apontamento do fado e da guitarra de Coimbra.

# II – EVOCAÇÃO DOS 100 ANOS DE ÂNGELO VIEIRA ARAÚJO

Foi em 18 de Fevereiro de 1919 que, em S. João da Madeira, nasceu o meu Pai, Ângelo Vieira de Araújo, que viria a tornar-se vulto de relevo como médico, poeta e também como compositor do Fado de Coimbra.

Para comemorar o centenário do seu nascimento, a Tertúlia “Fados de Coimbra e outras Músicas” organizou em Lisboa,

no passado dia 11 de Maio, um Encontro, para o qual convidou algumas dezenas de pessoas que encheram o recinto do “Coimbra Taberna”, local onde o evento teve lugar.

Entre os amigos do meu Pai que estiveram presentes, destaco os nomes da Dra. Fátima Lencastre, do Engº Napoleão Amorim, do Dr. Augusto “Tito” Costa

Santos, do Engº Manuel Marques Inácio e da Dra. Teresa Leónidas.

Para além do excelente almoço e convívio, o Encontro proporcionou momentos de música, de poesia e ainda o relato de alguns episódios menos conhecidos da vida de Ângelo Araújo.

Usando da palavra, o Engº Marques Inácio enalteceu a obra do homenagea-

do, de quem foi seu biógrafo; sublinhou o facto de alguns dos amigos do Ângelo Araújo, como o Dr. Gustavo Cerdeira, o Dr. Fernando Rolim, o Dr. Mário Veiga e o Dr. Jorge Tuna não terem podido estar presentes como gostariam, por razões várias, designadamente de saúde; relatou alguns episódios relacionados com a obra do meu Pai e acrescentou ter sido Ângelo Araújo a grande figura de compositor do Fado de Coimbra na década de 40 do século 20.

A pedido do Engº Marques Inácio, a Dra. Fátima Lencastre proferiu igualmente algumas palavras, começando por me felicitar pelo Pai que tive e agradecer tê-lo partilhado com a Associação; referiu-se depois ao Dr. Ângelo Araújo como um vulto ímpar por quem nutriu sempre grande admiração; lembrou as muitas homenagens que lhe foram prestadas, como a que teve lugar durante a "Tomada da Bastilha" (1994), ou "A Noite do Ângelo" (1996); agradeceu, em nome da AAACL, o convite para estar presente no Encontro, tendo terminado a sua intervenção referindo os dons inesgotáveis, a densidade humana inigualável e a pos-

tura de vida exemplar do homenageado. Interveio, igualmente, o Dr. "Tito Costa Santos, que relatou dois episódios passados com Ângelo Araújo, de que foi testemunha: um deles, ocorrido durante uma visita a um Carlos Paredes acamado e parcialmente paralisado; o outro, no qual o Ângelo cumpriu uma promessa antiga que lhe havia feito por ocasião do lançamento da 1ª Antologia da Música de Coimbra em 1985, de compor um fado concebido especialmente para ser interpretado pelo amigo "Tito"; esta música veio a integrar, mais tarde, o disco "Coimbra nos meus fados".

Também a Dra. Teresa Leónidas me entregou, amavelmente, um conjunto de artigos de jornais e de revista e de fotografias do meu Pai, referentes a homenagens várias que lhe foram prestadas como as acima referidas ou a do lançamento do seu livro de poesia "Amor ... amor ... e mais nada".

Seguiram-se momentos de poesia e de música: assim, foram apresentados alguns poemas, designadamente da autoria do Ângelo Araújo, como "Encontro", "Inquietação", "O meu último fado" e

"Desilusão"; a música, variada, foi executada por membros da Tertúlia (cujo objectivo e composição foram apresentados pelo Engº Marques Inácio, que é também o grande animador daquele grupo e foi o principal impulsionador e organizador deste Encontro) e incluiu algumas melodias com letra e/ou música da autoria do homenageado (caso da "Santa Clara, Santa Clara", valorizada pela voz única do Engº Napoleão Amorim, grande referência da Canção de Coimbra; caso da "Feiticeira" ou ainda da "Maria se fores ao Baile") mas também de outros compositores, cobrindo géneros tão diferentes como fados de Coimbra, de Lisboa, música popular portuguesa e baladas.

O Encontro terminou com a entoação, por todos os presentes da Balada da Despedida de 1958 e do tradicional FRA. Em suma, foi uma tarde de convívio bem animada, mas também de recordação de alguém que, como sobre ele escreveu o Dr. António Almeida Santos, "tinha uma alma maior que o mundo".

Por Ângelo Manuel L. Vieira Araújo

(Evocação do Dr. Ângelo Vieira de Araújo pela Tertúlia "Fados de Coimbra e outras músicas", no ano do centenário do seu nascimento. Poemas de sua autoria.)

## VISITAS LOCAIS

No 1º semestre de 2019 realizou-se 1 visita:

- No dia 21 de Janeiro realizou-se uma visita ao Palácio Nacional da Ajuda para ver a exposição "Uma História de Assombro Portugal – Japão séc. XVI-XX" com um grupo de 19 sócios.

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

O *Chá dos Reis* e o *Chá da Primavera* têm a primazia pelo ambiente "caseiro" e acolhedor para os que evitam longas deslocações ou horas mais tardias de convívio, sem falar nas iguarias com que são compensados...

Também a presença junto de quem sofreu uma perda ou se encontra em situação de saúde debilitada constitui um objectivo no âmbito desta acção filantrópica, sempre que conhecidas.

O *Cofre da Filantrópica* tem servido também para cobrir o encargo das quotas dos Sócios que, por razões conjunturais, tal solicitarem. Em alegria partilhada, os "parabéns a você" continuaram a merecer respostas de gratidão para quem os concebe: à excepção de cerca de 15 novos Associados felicitados pela Maria Claudina, todos os outros aniversariantes usufruem ainda das expressões de alma do Arménio Hall.



# NOS SEISCENTOS ANOS DA “DESCOBERTA DA MADEIRA” MITOS E REALIDADES

*Ireneu Cabral Barreto, Representante da República para a Região Autónoma da Madeira*

## I – A DESCOBERTA DO ARQUIPÉLAGO

Há várias lendas, conjeturas e hipóteses que fazem elevar o conhecimento da Madeira e de outras ilhas do Atlântico a épocas remotíssimas, mas nada de positivo se acha a tal respeito averiguado. De seguro, teremos que, após a conquista de Ceuta, o arquipélago da Madeira – já citado em 1350 no “Libro del Conoscimiento” e representado em portulanos (a partir do Século XIX, o termo “portulano” passou a designar, de forma genérica, as cartas marítimas produzidas até aos fins do século XVI) italianos e catalães do século XIV – foi redescoberto. O facto de as ilhas constarem em Portulanos do séc. XIV não é decisivo: estes eram actualizados continuamente à medida do retorno de cada caravela.

Contudo há quem defenda o contrário, afirmando que os arquipélagos da Madeira e das Canárias despertaram, desde cedo, o interesse tanto dos Portugueses como dos Castelhanos. A disputa destes territórios deu origem ao primeiro conflito ibérico motivado por razões expansionistas que só terminou com a assinatura do Tratado de Alcáçovas-Toledo em 1479. Aliás, é conhecida a viagem dos portugueses às Ilhas Canárias em 1341, no tempo de D. Afonso IV. Contudo, se as Canárias já há muito eram conhecidas, nada nos garante que a Madeira e o Porto Santo o fossem, pois estudos recentes de cartografia mostram que o mar en-

tre a costa de África, as Canárias, as Selvagens e a Madeira não era navegado. Assim, é muito possível que a primeira viagem de João Gonçalves Zarco fosse para correr a costa de África, que era o propósito principal do Infante, e que um temporal o tenha arrastado até ao Porto Santo. As datas mais prováveis serão 1419 para o Porto Santo e 1420 para a Madeira – Eduardo Pereira, *Ilhas de Zargo*, vol I, p. 15. Estas datas assentam no facto de a primeira viagem ter sido feita depois da vinda do Infante D. Henrique do cerco de Ceuta, o que ocorreu em 1419 – Gomes Eanes de Azurara; a data de 1418 deve-se a um erro deste cronista que ele assumiu e corrigiu. Na segunda viagem, Zarco e companheiros encontraram no Porto Santo três frades franciscanos, naufragados, que se dirigiam às Canárias. Hoje, para alguns não repugna aceitar o desembarque de Robert Machim e Ana Arfet antes do reconhecimento oficial da Ilha da Madeira. Porém, Eduardo Pereira diz-nos que não tem qualquer fundamento histórico a lenda daqueles namorados ingleses que no tempo do Rei D. Duarte de Inglaterra, acossados por uma tempestade, quando fugiam de Inglaterra, aportaram à Madeira em 1346, ao sítio hoje chamado Machico. Esta lenda ganhou notoriedade no século XVII, por ocasião do casamento da Infanta Catarina, filha de D. João IV, com Carlos II de

Inglaterra. Precisávamos de assegurar o apoio da Inglaterra na Guerra da Restauração; o casamento era essencial para conseguirmos esse apoio, e demos quase tudo o que tínhamos como dote de Dona Catarina. Mas era necessário acrescentar mais uma das jóias da Coroa – a Ilha da Madeira, que sempre fora cobiçado pelos ingleses. Para ajudar este desígnio, lançou-se mão da Lenda de Machim, que era até então uma simples história, tendo-se encarregado D. Francisco Manuel de Melo de descrevê-la na “Epanáfora Amorosa”, com o único propósito de, dando-lhe foros de veracidade e concedendo prioridade na descoberta aos ingleses, justificar a oferta do dote. Mas, felizmente, a Inglaterra não reclamou a Ilha para o dote da Infanta; ficamos apenas com a lenda a que a autoridade do renomado escritor concedeu algum crédito.

## II – OS CICLOS ECONÓMICOS

### A) O trigo

No início do Povoamento, quer a Coroa quer a classe dominante dedicaram-se predominantemente ao cultivo de cereais.

### B) O açúcar

A partir de meados do século XV, a classe dominante passou a dedicar-se à cultura da cana do açúcar. Este período corresponde à época do maior

esplendor e desenvolvimento da história do arquipélago, refletido entre outros no riquíssimo espólio de obras de arte que recheiam os museus da Região. A partir de 1530, até meados do século, a crise açucareira foi-se tornando irreversível e os canaviais foram paulatinamente abandonados e substituídos por vinhas. Esta crise determinou também profundas alterações na estrutura fundiária, acarretando a concentração de canaviais nos grandes proprietários. Com efeito, a cultura do açúcar beneficiou, sobretudo, um reduzido grupo de terra-tenentes, que utilizou inicialmente o trabalho escravo e depois os contratos de colônia. Na colônia, o colono deve partir com o senhorio a metade dos frutos que recolher da terra; o senhorio detinha a possibilidade de revogar o contrato quando quisesse e entendesse. A partir do último quartel do Séc. XV (1485), aparecem as primeiras crises de subsistência na Região, que se mantiveram, com altos e baixos, nos séculos seguintes. Por exemplo, no século XIX, quando a base da alimentação era já a batata, uma quebra na produção devido a uma moléstia provocou terríveis fomes. Nessa altura assistiu-se a uma fortíssima emigração para o Brasil, Demerara e Havai, tendo ali os madeirenses substituído o trabalho escravo, entretanto abolido. Também por essa época, verificou-se uma especial emigração, por motivos religiosos, de madeirenses doutrinados pelo protestante inglês, Dr. Robert Kalley; os seus seguidores e ele próprio foram obrigados a deixar a Madeira. Este grupo de madeirenses dirigiu-se à Trindade e Tobago, mais tarde aos Estados Unidos e até ao Havai, para onde levaram o nosso Machete (Braguinha), hoje instrumento emblemático do Havai, o Ukelele.

### C) O vinho

Com a baixa do preço do açúcar aliada a quebra da produtividade dos solos, a partir de meados do século XVII entra-se no ciclo do vinho, ex-

plorado também em regime de quase monopólio ou pelo menos de cultura dominante, virado para a exportação, sobretudo para o Reino Unido, provocando graves crises de subsistência e até de verdadeiras fomes que persistiram nos séculos XVIII e XIX. Aliás, neste século XIX, assiste a uma forte influência da comunidade inglesa, que domina quase toda a estrutura económica da Região, dominação que perdurou até meados do séc. XX. Toda esta produção de vinho foi profundamente abalada, a partir de 1846, com a epidemia do oídio que destruiu por toda a Ilha da Madeira as plantações de vinha. Conjugada com estes ciclos, acrescente-se a cultura da banana, a banana anã, introduzida na Ilha em 1842/1843, e que constitui uma apreciável fonte de receita. Note-se que se continuou a plantar a cana de açúcar na Madeira, hoje quase residual, destinada sobretudo à produção de aguardente (para a poncha) e de mel de cana (para o bolo de mel).

### D) O Turismo

Pode situar-se o início do turismo na Região no início do séc. XIX, inicialmente um "turismo terapêutico", convencidos que estavam os médicos na altura que a amenidade do clima constituía um possível remédio para as doenças pulmonares. Os escritores Castilho, Júlio Dinis (que escreveu na Madeira as "Pupilas do Senhor Reitor"), Antero Quintal, Bulhão Pato, Afonso Lopes Vieira, e António Nobre, entre outros, vieram também buscar na Madeira curas para as suas doenças. O Turismo constitui hoje a mais importante fonte de receita da Região.

### III - A HISTÓRIA DA AUTONOMIA ENTRE O SÉCULO XIX ATÉ AO 25 DE ABRIL DE 1974

A história da autonomia constrói-se a partir de diversas fases situando-se o seu início no final do século XIX, altura em que a autonomia entrou no discurso político. A partir da primeira Constituição Portuguesa em 1822, as atuais Regiões Autónomas passaram a

integrar, como ilhas adjacentes, o território nacional europeu, não se verificando qualquer alteração significativa até ao final do século XIX. Nessa altura, por Carta de Lei de 12 de Junho de 1901, no distrito do Funchal foi instituído um regime de mitigada autonomia administrativa, suportada numa Junta Geral dotada de escassos recursos financeiros e sempre tutelada e vigiada pelo poder central. Em 1910, com a implantação da República, foi gerada uma grande expectativa quanto à eventual alteração do quadro político e administrativo dos distritos insulares, se bem que tais expectativas viessem a ser inteiramente defraudadas não obstante os debates, encontros, declarações, propósitos de intenção e textos proclamatórios que foram sendo produzidos. Na decorrência do pronunciamento militar de 28 de Maio de 1926, foi instituído o período da Ditadura Militar a que se seguiu, nela inspirado e suportado, o Estado Novo, que buscou legitimidade na Constituição de 1933. De harmonia com o texto constitucional de 1933, a divisão do território nas ilhas adjacentes e a respectiva organização administrativa seriam reguladas em lei especial, o que implicou a aprovação subsequente, em 30 de Abril de 1938, das Bases de Administração do Território das Ilhas Adjacentes e, em 31 de Dezembro de 1940, sob o impulso de Marcelo Caetano, e no desenvolvimento daquelas bases, o Estatuto Autónomo das Ilhas Adjacentes. O Estatuto dos Distritos Autónomos de 39/40 consagra os distritos insulares como pessoas coletivas de direito público, tendo por órgãos próprios a Junta Geral com a respetiva Comissão executiva e o Governador do Distrito autónomo. Os Distritos Autónomos arrecadavam o produto de alguns impostos gerais do Estado como a contribuição predial, a contribuição industrial, o imposto profissional e o imposto sobre capitais. Os Governadores dos Distritos Autónomos tinham a autoridade dos Governadores civis, nomeavam o Presidente da Junta ge-

ral, os Presidentes das Câmaras e os Regedores das freguesias, e podiam receber delegação de atribuições ministeriais bem como a possibilidade de elaborar regulamentos legislativos. No entanto, a autonomia outorgada era meramente formal e não tinha qualquer reflexo material nas populações. Enfim, só com a Revolução de Abril e a Constituição de 1976, se veio a consagrar uma verdadeira autonomia política, com as Regiões da Madeira e dos Açores a serem dotadas de Estatutos Político-Administrativos, com poder legislativo, através de uma Assembleia Legislativa, com amplos poderes - só não pode legislar em matérias reservadas à Assembleia da República -, e um Governo Regional.

#### IV - A OUTORGA DE AUTONOMIA NA CONSTITUIÇÃO DE 1976

A Constituição de 1976 correspondeu, finalmente, aos anseios de autonomia da população madeirense, sendo para alguns a mais bela conquista de Abril. A partir de então, a Constituição consagrou um regime político-administrativo próprio dos arquipélagos dos Açores e da Madeira com fundamento "nas suas características geográficas, económicas, sociais e culturais e nas históricas aspirações autonomistas das populações insulares", que se traduz na consagração de:

- I) Autonomia política (existência de órgãos de governo próprios);
- II) Autonomia normativa (competência legislativa e regulamentar no âmbito territorial próprio);
- III) Autonomia administrativa (competências e funções não inteiramente subordinadas à administração central);
- IV) Autonomia económica e financeira (com a garantia de recursos económicos e financeiros adequados e suficientes para a prossecução das tarefas constitucional e legalmente atribuídas às regiões).

Com a revisão constitucional de 2004, as Regiões Autónomas viram a sua

competência legislativa qualitativamente modificada. Esta depende agora da verificação cumulativa dos seguintes requisitos:

- (I) Legislação editada deve conter-se no âmbito regional;
- (II) As matérias em causa devem estar enunciadas no respetivo Estatuto Político-Administrativo; e
- (III) As matérias não devem estar reservadas aos órgãos de soberania.

#### V - O REPRESENTANTE DA REPÚBLICA

Este órgão constitucional constitui um meio institucional privilegiado de assegurar e promover a necessária articulação e cooperação, no seio da unidade do Estado português, entre a República no seu todo e as Regiões. O Representante da República tem, a nível regional, diversos poderes ou funções análogas aos que o Presidente da República tem a nível nacional.

Pense-se, nomeadamente, nos seguintes poderes ou funções:

- I) Poder de nomeação e exoneração dos membros do Governo Regional;
- II) Poder de veto relativamente a diplomas legislativos;
- III) Poder de requerer a fiscalização da constitucionalidade e da legalidade dos diplomas legislativos e regulamentares regionais,
- IV) Poder específicos em situações de estado de sítio ou de emergência;
- V) Funções protocolares de representação do Estado na Região, e, ainda,
- VI) Função de mediação institucional que poderá decorrer dos poderes ou funções acima referidos.

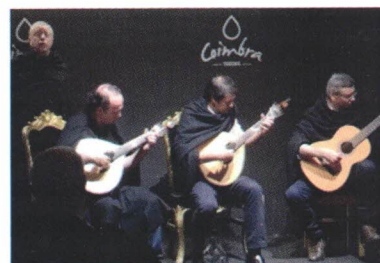
É este, em suma, o sentido geral do cargo do Representante da República, assim designado com a revisão constitucional de 2004, como forma de eliminar definitivamente a conotação governamental que teve o Ministro da República, até à revisão de 1997, e permitindo, deste modo, deixar mais clara a conotação presidencial que agora é inerente ao cargo. Assim, é no contexto da atividade de produção normativa da Região que reside uma parte subs-

tancial da atividade do Representante da República. Compete, desde logo, ao Representante da República o poder de assinar (ou vetar) os decretos legislativos aprovados pela Assembleia Legislativa Regional e os decretos regulamentares aprovados pelo Governo Regional. Está aqui em causa uma função preventiva do Representante da República relativamente à legislação regional que implica a apreciação desta à luz da Constituição e do juízo do Representante da República. Ao analisar o diploma vindo da Assembleia Regional, o Representante da República começará por verificar se existe uma ou mais normas que entenda serem contrárias aos preceitos e/ou princípios da Constituição, tendo, se for caso disso, a possibilidade de requerer a fiscalização preventiva da constitucionalidade ao Tribunal Constitucional, no prazo de 8 dias após a receção de certo diploma. Relativamente aos diplomas do Governo, os decretos regulamentares, o Representante da República deve assinar e mandar publicar ou, então, se com eles não concordar, devolvê-los. Ele tem ainda poderes para requerer a fiscalização sucessiva da constitucionalidade ou da legalidade ao Tribunal Constitucional - i.e., depois de os diplomas terem sido publicados, quando entenda que estes ofendem "direitos da Região". Deve ainda fazer-se referência à participação que o Representante da República tem no Conselho Superior de Defesa Nacional e no Conselho Superior de Segurança Interna (artigos 6.º e 7.º do Estatuto do Representante da República) e que decorre precisamente da dupla natureza do seu cargo: nacional e regional. Na verdade, a defesa nacional e a segurança pública correspondem a funções de soberania que ao Estado incumbe assegurar. *Note-se também que o Representante da República assegura, na Região Autónoma, a execução da declaração do estado de sítio e do estado de emergência, nos termos da lei, em cooperação com o Governo Regional.*

## 01.

### JANTARES MENSAIS

Realizaram-se 3: em Fevereiro e em Julho no restaurante "Coimbra Taberna"; em Junho no restaurante "A Valenciana", como sempre em boa disposição e bom ambiente. Actuaram os Grupos "Serenata ao Luar" e "Porta Férrea" e os aniversariantes foram presenteados com um delicioso bolo de parabéns.



## 02.

### FOLIA DO CARNAVAL

Mais um ano a realizarmos a nossa folia de carnaval e com a estreia do Sana Metropolitan Hotel e a presença de 51 participantes; animação a cargo do já consagrado "Club Vintage", que continua a entusiasmar os mais e os menos vigorosos. Como sempre, a cena do "bolo fingido", enganador perpétuo...

## 03.

### FESTA DOS SANTOS POPULARES

Retomámos o local que já deu provas de qualidade, simpatia e natureza aprazível. O almoço realizou-se na "Quinta Valenciana" com 64 participantes. Programa:

No início, a Zilda Laranjeira surpreendeu-nos (mesmo a Direcção...) com uma laboriosa dissertação sobre a história da ilha da Madeira ao longo destes 600 anos.

Um Coral Ad-Hoc à altura (como nos tem sempre habituado), fazendo participar os presentes nas canções populares que tão bem escolheu e interpretou;

O concurso de quadras dos Santos Populares, avaliadas por um júri, que premiou as seguintes:

#### 1º prémio

Geringonça portuguesa  
Com Centeno na finança  
O Costa, foi a surpresa,  
São Pedro trouxe a bonança

(Dália)

Izilda Laranjeira

#### 2º prémio

Fui a S. Pedro rogar  
E pedi inspiração  
Entre Centeno e Costa  
Qual o melhor p'ra nação

(Malmequer)

Maria Alice Gouveia

#### 3º prémio

São Pedro, se queres veneno  
Aqui tens uma proposta  
Dá beijinhos ao Centeno  
E um grande abraço ao Costa

(Poeta da Corda)

Fernando Soares da Costa



## 04.

## COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a cerimónia de entrega do Prémio de Mérito BPI ao melhor aluno da 4ª edição do Programa "Acertar o Rumo".
- ◆ **O Professor Decano da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Aníbal Traça de Carvalho Almeida** convidou-nos para a cerimónia pública de investidura do Professor Doutor Amílcar Celta Falcão Ramos Ferreira no cargo de Reitor que teve lugar no dia 1 de Março na Sala dos Capelos, sendo antecedida da Missa Solene na Capela de S. Miguel. Seguiu-se a tomada de posse da equipa reitoral, na sala do Senado.
- ◆ **O Secretário Regional da Educação e Cultura dos Açores, através da Casa dos Açores em Lisboa**, convidou-nos para a apresentação da obra monumental "História da Arte nos Açores" que se realizou no dia 8 de Março, na Casa dos Açores em Lisboa.
- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra e o Director da Academia Sino-Lusófona** convidou-nos para a Conferência Inaugural da Academia Sino-Lusófona da Universidade de Coimbra, proferida por Sua Excelência o Antigo Presidente Joaquim Chissano, que teve lugar no dia 11 de Junho no Colégio da Trindade.
- ◆ **A Fundação Inatel** convidou-nos para assistir ao espetáculo "Canções da Liberdade" uma proposta musical alusiva à Canção de Coimbra e à Crise Académica de 1969 que se realizou no dia 21 de Maio no Teatro da Trindade Inatel.
- ◆ **José Marques Vidal** convidou-nos para o lançamento do seu livro "Ad Aeternum" que teve como orador o General Ramalho Eanes e que se realizou no dia 5 de Junho no Chiado Clube Literário.
- ◆ **O Vice-Reitor, Prof. João Nuno Galvão da Silva** convidou-nos para a Inauguração da Academia Sino-Lusófona da Universidade de Coimbra com a presença do Senhor Doutor Joaquim Chissano, ex-Presidente da República de Moçambique e Doutor Honoris Causa pela nossa Universidade de Coimbra, que teve lugar no passado dia 11 de Junho no Colégio da Trindade.

## 05.

## NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

## Em 2019 (de Janeiro a Junho) foram:

- Eng.º Miguel Romão – Sócio nº 1365
- Eng.º José Manuel dos Santos Viegas – Sócio nº 1366
- Dr.ª Luísa Alexandra Gomes de Pinho Gonçalves – Sócia nº 1367
- Dr.ª Anabela Soares Cavadas Chau – Sócia nº 1368
- Dr.ª Paula Sofia Rodrigues Correia – Sócia nº 1369
- Dr. Idílio Manuel Ferreira do Espírito Santo – Sócio nº 1370
- Dr. António José Arsénia Nogueira – Sócio nº 1371
- Dr.ª Isabel Maria Quintas da Silva – Sócia nº 1372
- Dr.ª Rosa Maria Crespo Gois Pinheiro Hormuth – Sócia nº 1373

## 06

## BIBLIOTECA

A Associação tem o prazer de referir os nomes e amigos que contribuíram para o enriquecimento do Património da nossa Biblioteca com a oferta de livros e publicações periódicas e outra documentação:

Dr.ª Maria Isabel Soares da Costa, com a generosa oferta de 49 livros.

Cons. Mário José Araújo Torres, e Associação dos Pupilos do Exército (Boletim Trimestral).

## IN MEMORIAM...

## Deixaram-nos... no 1º Semestre de 2019 (de janeiro a Junho):

- Cons. Alcindo Augusto Costa – Sócio nº 9
- Dr.ª Amélia Almeida dos Santos Lameirão Nogueira Pinto – Sócia nº 489
- Dr. Sílvio Duarte Ferraz – Sócio 496
- Dr. Renato José Borges – Sócio nº 636
- Dr. Aurélio Homem Ribeiro – Sócio nº 878
- Dr.ª Maria Georgete dos Santos Goucha – Sócia 910
- Dr.ª Maria Abélia Mendes Marques – Sócia 922
- Dr. Manuel Joaquim Osório – Sócio 923
- Dr. João António Almeida Vaz Tomé – Sócio 1033
- Dr. José Albertino Gonçalves Melchior Gomes – Sócio 1332
- Doutor Manuel Figueiredo Ferreira – Sócio 503 – Falecido em 16 de Outubro de 2018 (por lapso, não constou do Capa e Batina N.º 52).

*Que descansem em Paz!*



Janeiro a Junho de 2019

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

**DIRECTOR:** A Presidente da Direcção

**EDIÇÃO:** Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

E-MAIL: [geral@aaec-lisboa.com](mailto:geral@aaec-lisboa.com)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

**PERIODICIDADE:** Semestral

**TIRAGEM:** 600 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS**

**SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO**

